

IMPULSOS DOS CORAÇÕES DOS ESPÕES: O ACRÔNIMO MICE COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE PARA UMA HISTÓRIA DA ESPIONAGEM

IMPULSES FROM THE HEARTS OF SPIES: THE ACRONYM MICE AS AN INSTRUMENT OF ANALYSIS FOR A HISTORY OF ESPIONAGE

THIAGO DA SILVA PACHECO

Pesquisador do Ateliê de Humanidades¹

Resumo: as razões pelas quais uma mulher ou homem são motivados a trabalharem como espões tem sido debatidas por especialistas norte-americanos a partir do acrônimo MICE – Money, Ideology Compromise, Ego. Inicialmente elencadas partir da observação e experiência de um ex-oficial da KGB, estas quatro motivações foram revisadas e ampliadas por profissionais do campo da psicologia social, com o objetivo de antever e precaver possíveis recrutamentos de pessoas em posições chave para a segurança dos EUA. Pretendemos

Abstract: The reasons why a woman or man is motivated to work as a spy has been debated by American experts from the acronym MICE – Money, Ideology Compromise, Ego. Initially listed from the observation and experience of a former KGB officer, these four motivations were reviewed and extended by professionals in the field of social psychology, with the aim of anticipating and precautioning possible recruitment of people in key positions for U.S. safety. We want to demonstrate, from historical examples in different

¹ Doutor em História pelo Programa de Pós-graduação em História da UFRJ (PPGHC-UFRJ) com estágio pós-doutoral pela Faculdade Nacional de Direito (FND-UFRJ).

demonstrar, a partir de exemplos históricos em diferentes contextos, que, embora tais pesquisas não tenham alcançado sucesso quanto à precaução a favor do governo norte-americano, o esquema explicativo do MICE se verifica em várias situações e temporalidades, servindo assim como referencial teórico para uma incipiente História da Espionagem, cuja ênfase esteja seus aspectos mais humanos, e também como experiência acumulada acerca do comportamento dos indivíduos que se envolvem com estas práticas.

contexts, that, while such research has not succeeded in precautionary action in favor of the U.S. government, the MICE explanatory scheme takes place in various situations and temporalities, serving as a theoretical reference for an incipient History of Espionage with an emphasis on its most human aspects, as well as accumulated experience about the behavior of individuals who have engaged in these practices.

Palavras-Chave: Teoria e Metodologia da História, Espionagem, História Política, História Militar.

Keywords: Theory and Methodology of History, Espionage, Political History, Military History.

Introdução: o MICE e a espionagem

A busca pelo rosto humano das pessoas comuns na guerra (Soares e Vainfas, 2012) e, num sentido amplo, envolvidas com a política ou com as Relações Internacionais, nos leva também a analisar as trajetórias destas pessoas pelos seus próprios dramas e expectativas. Se trata de compreender, mesmo com todos os hermetismos que impõem a alma humana, o que Marc Bloch (2002, p.133-141) chamou de “impulsos do coração”.

Este mesmo questionamento poderia ser feito em relação aos homens e mulheres que conformam a Espionagem no decorrer do tempo. De fato, a Inteligência, enquanto produção de

conhecimento (SIMS, 1995) e, mais especificamente, a disputa por conhecimento sensível e protegido (Shulsky, 1995), se estruturou no decorrer do século XX com uma mecanicidade institucional em procedimentos de coleta, análise e processamento de dados (Cepik, 2003). Não obstante tal mecanicidade, a Espionagem é empreendida por pessoas de carne e osso, ou seja, falamos aqui de uma das possibilidades de coleta de dados obtidos não por pesquisas ou meios tecnológicos, mas por seres humanos - Inteligência Humana, ou HUMINT no linguajar do campo - em todas as suas complexidades e contradições, sociais e psíquicas.

Neste sentido, os próprios profissionais envolvidos na atividade de Inteligência têm se questionado acerca das razões pelas quais uma mulher ou um homem se enveredam pelo jogo da espionagem. Segundo David Charney e John Irvin (2014), especialistas no campo propuseram o acrônimo MICE como resposta para esta pergunta. Neste acrônimo, as letras apontam para money, ideology, compromise/coercion, ego (dinheiro, ideologia, compromisso/coerção e ego), passando a fazer parte do vocabulário anglofônico de Inteligência. Henry Crumpton (2013), por exemplo, ao escrever sobre métodos de recrutamento de sua época na CIA, utiliza o MICE narrando uma experiência de espionagem para cada um destes casos. Em obra clássica dos estudos sobre Inteligência, Michael Herman (1996, p.63,64), alerta que os motivos para a espionagem são “tão variados quanto a natureza humana”, mas também menciona os fatores da ideologia, do pagamento em dinheiro ou outros favores, da frustração ou inadequação pessoal ou mesmo a satisfação em sentir-se importante por meio deste tipo de trabalho.

De sua parte, Charney e Irvin (2014), embora não discordem das motivações expressas pelo acrônimo, fazem algumas ressalvas quanto a sua formulação e uso. A primeira delas é o caráter não empírico e não científico de sua construção, a partir de simples levantamentos de casos nos quais um determinado indivíduo ligado às instâncias governamentais dos Estados Unidos teria sido recrutado por agências ou grupos estrangeiros. Este levantamento foi feito pelo ex-major da KGB Stanislav Levchenko, que desertou da agência soviética em 1979

e passou a trabalhar para os EUA. O estudo feito por Levchenko foi levado em consideração como uma forma de compreender o que levaria um funcionário do governo norte-americano a trair seu país e espionar para um governo concorrente, estabelecendo parâmetros de segurança para precaver tais situações.

Pois bem, aqui salientamos, e isto é mencionado pelos próprios David Charney, e John Irvin na introdução do artigo que produziram, que os EUA definem legalmente como “espionagem” somente o ato de vazar informações sensíveis a potências estrangeiras, não levando em consideração, na tipificação, como os próprios espões estadunidenses operam. Noutros termos, os “espões” dos quais Charney e Irvin falam seriam indivíduos com acesso a dados importantes do governo norte-americano, que fossem cooptados por concorrentes dos EUA para violar tais segredos.

Ora, este cinismo discursivo e jurídico - não exclusivo dos EUA, é bom que se diga - de chamar de “espões” apenas os membros do governo norte-americano que são recrutados como informantes pelo inimigo, seria mais bem explorado num trabalho especificamente dedicado a tal questão. Contudo, o salientamos devido ao fato de que construção do acrônimo MICE, nos termos resumidos até aqui, visava originalmente fornecer subsídio preventivo ao governo norte-americano quanto a tais traições, e não compreender as motivações da espionagem num sentido histórico e mais abrangente.

Ademais, embora as razões identificadas tenham de fato sido dinheiro, ideologia, coerção e ego – resultando na construção do MICE – o acrônimo, segundo Charney e Irvin, jamais foi instrumento capaz de prever potenciais traidores dentre as fileiras do governo dos EUA. Nesta direção, os autores chamam a atenção para o universo limitado de casos verificados na construção do acrônimo, apontando para o fato de que os contextos nos quais se deram o recrutamento dos espões estavam sendo ignorados. As circunstâncias da vida do homem e da mulher quando decidiram se enveredar pela espionagem seriam, neste sentido, tão decisivos quanto o dinheiro que lhes fora oferecido, a ideologia que vibrava em suas mentes, a coerção a que foram submetidos ou as excitações a que suspiravam seus

egos. Tais circunstâncias, bem menos previsíveis que métodos de cooptação de fontes de HUMINT, não foram levados em consideração na construção do acrônimo MICE.

Indo além, Charney e Irvin alertam para a limitação destas categorias, que foram expandidas a partir de 1985 por meio do Projeto *Slammer*. O projeto foi implantado após a prisão de um militar chamado John Anthony Walker, que trabalhava para a URSS encabeçando um círculo de espões. O caso expôs as limitações das categorias sugeridas por Levchenko, até então generalistas demais, baseadas em senso comum e ineficazes como ferramenta de precaução. O resultado foi um estudo de caso de cerca de 120 indivíduos acusados de espionagem contra os EUA, que expandiu elementos do acrônimo e acrescentou novos elementos a ele. Destarte, o dinheiro, a ideologia, a coerção e o Ego não foram eliminados, mas refinados em suas definições conceituais, especialmente o Ego, substituído pelas Emoções e pela Auto Importância. A estes elementos do acrônimo MICE foram acrescidos os elementos do Ressentimento e da Vingança.

Tais pesquisas também se desdobraram em dois modelos de análise: o psicológico, focado nos traços de personalidade dos espões, e o situacional, com ênfase nas circunstâncias nas quais eles foram recrutados. Mas, apesar do conhecimento obtido em relação a uma psicologia da espionagem, tais pesquisas também falharam em antever e precaver o governo dos EUA em relação a recrutamento de espões em suas próprias fileiras, na medida em que a ênfase nos fatores psicológicos excluía os indivíduos que mudariam seu comportamento em circunstâncias específicas, enquanto a ênfase na situação do recrutamento não levou em consideração que pessoas até então confiáveis se tornam menos suspeitas de traição e mais sujeitas a aliciamento quando em posição privilegiada nas estruturas governamentais, militares ou de Inteligência.

Pois bem, se todas estas ressalvas expõem a incapacidade do acrônimo MICE em ter servido como ferramenta eficaz para prever e evitar o recrutamento de funcionários do governo dos EUA como espões por potências estrangeiras, elas acabam por ser potencialmente – ainda que de maneira não intencional – um instrumento teórico-metodológico para os historiadores

interessados numa História da Espionagem. O historiador, em seu universo de fontes históricas, não está restrito a limitada amostragem de casos referente a espiões presos e condenados pelo governo norte-americano, e muito menos tem como objetivo prever se esta ou aquela mulher, este ou aquele homem, pode ou não vir a trair interesses estadunidenses. Por outro lado, o historiador em seu ofício pode justamente preencher lacunas que Charney e Irvin apontaram, que vem a ser o limitado número de casos a disposição e a situação temporal na qual determinada pessoa estava inserida quando foi recrutada para a espionagem.

Noutros termos, interrogando fontes históricas, como documentos oficiais de agências, manuais ou tratados de espionagem, e biografias acerca de espiões (Navarro, 2009), o historiador pode identificar os fatores do dinheiro, da ideologia, da coerção, das emoções, do ressentimento e da vingança na ação das pessoas, considerando, nestas mesmas fontes, em que circunstâncias históricas tais homens e mulheres se tornaram espiãs.

A fim de testar e propor tal potencialidade teórico-metodológica, argumentaremos que os elementos do acrônimo MICE podem ser verificados em situações e personagens históricos, destacando casos que envolveram o recrutamento de espiões por dinheiro, ideologia, coerção, compromisso, ego e ressentimento. Se por um lado estamos aqui restritos ao curto espaço de um artigo acadêmico, que impede de aprofundar os casos analisados em seu próprio contexto – sobretudo quando biografias detalhadas estão disponíveis ao historiador – por outro lado nossa amostragem não está limitada a pessoas que espionaram contra o governo dos Estados Unidos, e nem a casos exclusivos nos quais cidadãos norte-americanos decidiram trair seu país. Isso nos possibilita a verificação destas formas de recrutamento em diferentes contextos e temporalidades.

Tal verificação de casos históricos se propõe a ampliar o universo de compreensão do acrônimo MICE para uma ferramenta histórico social, destinada àqueles interessados em Inteligência por meio de uma extensão da análise da experiência acumulada de HUMINT - ou seja, a Inteligência obtida por pessoas ao invés de sinais eletrônicos ou satélites - no decorrer da

História. Na medida em que, como exortou Marc Bloch (2002, p.140, 141), os “impulsos do coração” são difíceis de serem traduzidos sem serem mutilados até mesmo pelas próprias pessoas que os expressam, esta reelaboração do acrônimo MICE pode auxiliar na desafiadora tarefa de levar em consideração as “necessidades secretas do coração” de homens e mulheres que anonimamente tomaram parte da guerra e das disputas entre nações por meio da espionagem.

Money

Começemos pelo dinheiro como motivação para espionar, a qual, nas fontes históricas, parece ser a mais recorrente. Assim Charney e Irvin delinham a questão:

This is a general category that would include such selfish motivation as avarice (extreme greed for wealth or material gain) as well as what might be considered more noble motives such as the need to pay for a family member's medical treatment or a child's education. In any event, the spy comes to the personal conclusion that espionage is the best or perhaps only means of obtaining the money desired (2014).

A espionagem é atividade mencionada desde a Antiguidade, como se nota em trabalhos como os de Rose Mary Sheldon (2005) acerca dos romanos. Seria racional inferir que vender informações é algo igualmente longo. As fontes oriundas da Antiguidade normalmente se calam em relação às formas de recrutamento dos informantes, embora não pela ausência de menções a atividades que, hoje, seriam classificadas como HUMINT. Por exemplo, Eneas, o Tático, em seu clássico tratado acerca da defesa das cidades, orienta acerca de postos avançados de vigilância, ocupados por observadores velozes e experientes, capazes analisar possíveis ameaças, auxiliados por batedores a cavalo igualmente ligeiros. Eneas chega a ensinar acerca do uso de mensagens secretas por meio de remetentes e destinatários com conhecimento para tal troca. Ainda assim, apesar de tal riqueza de dados para uma História da Espionagem, Eneas nada nos diz sobre espões pagos com dinheiro.

As fontes romanas também fazem menção a batedores, de curta e longa distância, utilizados pelos comandantes das legiões conforme as tropas romanas foram crescendo e se sofisticando. A já mencionada Sheldon (2005) efetuou o trabalho mais relevante em abordar tais figuras: relatados por Tito Livio, os *exploratores* iam à frente das tropas trazendo dados acerca das movimentações inimigas e do terreno, enquanto os *speculatores* eram mensageiros que atuavam em missões clandestinas. Estas figuras se tratavam, contudo, de soldados romanos, treinados e inseridos na hierarquia do Exército, e não de informantes pagos. Caso semelhante se nota na maior parte dos relatos israelitas, já que os espias de Moisés (Nm. 13) e de Josué (Js.2), são descritos como batedores semelhantes aos das fontes gregas e romanas, com a distinção apenas de que não eram soldados treinados – um exército profissional não teria existido na etnogenia dos proto-israelitas. Embora nos interessem para uma História da Espionagem, tais batedores não se incluem no universo de análise que originalmente o MICE concebia. Suas motivações seriam mais bem compreendidas a partir do grupo social no qual estava inserido, na forma de lealdade, hierarquia, recompensas junto ao comandante ou mesmo o salário – no caso do soldo dos romanos - nada tendo a ver com subornos em dinheiro.

Uma exceção seria o relato bíblico de Dalila, contratada pelos príncipes filisteus para descobrir o segredo da força de Sansão, inimigo cujas equipadas tropas filisteias eram incapazes de enfrentar (Jz. 16). Fora da experiência da fé, não é responsável tratarmos como dado histórico a narrativa de um homem que, devido à vocação Divina condicionada ao voto de não raspar os cabelos, era capaz de, sozinho, derrotar multidões de inimigos e destruir portões de bronze por meio de uma força hercúlea – aliás, defendem exegetas que Sansão era uma versão judaica da história de Hércules (Römer, 2008). Deve-se também levar em conta que os autores bíblicos não foram os generais ou soldados judeus, mas sim seus escribas e sacerdotes, os quais não estavam interessados em guerra – menos ainda em Inteligência - mas, sim, nas suas próprias agendas teológicas. Porém, feitas estas ressalvas, o relato permite inferir que, se judeus do século V a.C. - datação mais provável para a história de Sansão e Dalila – fizeram menção ao

pagamento em dinheiro para que uma mulher descobrisse o segredo de um guerreiro inimigo, então havia não apenas a prática como a consciência histórica de pagamento em dinheiro por informações relevantes. Note que, em contexto histórico aproximado, temos a famosa história de Efilates que, em troca de recompensas por parte dos Persas, traiu aos gregos revelando a passagem para o ponto vulnerável das Termópilas, defendidas por Lônidas.

De qualquer forma, menção mais clara ao pagamento de espões é encontrada em outro clássico, *A Arte da Guerra*, creditado a Sun Tzu. O antigo manual chinês, datado do século V a.C. - a título de curiosidade, contemporâneo aos relatos de Dalila e de Efilates -, tipifica cinco tipos de espões: os oriundos do território inimigo (espões locais), os recrutados dentre as fileiras do exército ou governo oponente (espões internos), os próprios espões inimigos (espões duplos), os espões usados para disseminar informações falsas ao inimigo (espões mortos) e os espões que são capazes de ir e vir com informações do território inimigo (espões vivos). Considerando os espões os homens mais próximos do comandante, o manual exorta que sejam amplamente bem recompensados, em especial os espões inimigos. Estes devem ser descobertos para então ser tratados generosamente e, enfim, subornados. Ensina o tratado que: “Espões inimigos, que vêm nos espiar, devem ser descobertos, subornados, conquistados, atendidos. Assim poderão ter uso como espões duplos”.

As fontes acerca da espionagem na Idade Média são, aparentemente, mais escassas que na Antiguidade. Navarro (2009) argumenta que a Igreja se ocupou da atividade de informações, enquanto detentora da escrita e de normativa administração de seus recursos na Europa. A isso se somam os documentos produzidos no âmbito da Inquisição, que contava com voluntárias denúncias secretas, mas que não eram, contudo, movidas especificamente por dinheiro. Por outro lado, no Oriente Médio, cada Kalifa contava com um Kharbar, que pagavam por informantes, entre eles, mulheres em palácios (Volkman, 2013, p.50, 51)

Felizmente, as fontes se tornam mais nítidas em relação a este aspecto a partir da modernidade e da consolidação dos

Estados Nacionais Modernos. O jogo diplomático entre os Estados europeus, a intensificação do uso de mensagens e de documentos escritos não apenas fomentou a atividade de espionagem, como fez surgir a Inteligência como a conhecemos (ver Herman, 1996, p.8-28). O principal personagem deste processo tem sido considerado Sir Francis Walsingham, cujos métodos de recrutamento incluíam o pagamento de cortesãos, diplomatas, artistas, marinheiros e até padres. Walsingham remunerava seus espiões por informação dada, a fim de mantê-los ativos e interessados trazer novidades, ao mesmo tempo em que racionava as verbas, difíceis de obter da parte da rainha Elizabeth (Cooper, 2013, p.157-156, 180).

É também a partir da modernidade que dispomos de biografias mais detalhadas de espiões, nos permitindo analisar as razões pelas quais estas pessoas se envolveram com a espionagem, neste caso, por dinheiro. Por exemplo, durante o reinado de Elizabeth I, Edmund Stafford, diplomata inglês na França, era viciado em jogos, o que o levou a ficar endividado. Vulnerável financeiramente, acabou sendo cooptado por banqueiros espanhóis, que prometeram pagar-lhe as dívidas em troca de seus serviços como espião em favor da Espanha. Walsingham percebeu que Stafford estava trabalhando para os espanhóis devido às inconsistências dos relatos do diplomata em comparação a outras fontes, mas jamais foi capaz de manter Stafford sob seu total controle (Cooper, 2013, p.148-150).

Os franceses, por seu turno, também investiram somas de dinheiro para comprar espiões, e igualmente encontraram pessoas que aceitaram espionar por dinheiro. Cortesãos, desertores e oficiais de exércitos estrangeiros recebiam subornos de Luís XIV em troca de segredos. Luís XV, que também pagava pelos seus informantes, estabeleceu um círculo secreto de espiões diretamente ligados a ele, chamado de “Segredo do Rei” (Volkman, 2013 p. 97-111). Dispondo de vultuosas somas de dinheiro, o lendário Cardeal Richelieu, cuja inteligência maquiavélica e a desenvoltura conspiratória o projetaram da história para a ficção de Alexandre Dumas, remunerava informações acerca de supostos crimes contra o rei, estabelecendo uma espécie de Polícia Secreta na França do século

XVII. Entre aqueles que serviram a Richelieu como espões em troca de dinheiro estavam clérigos, nobres e damas de companhia (Blanchard, 2013). Da parte de Napoleão Bonaparte, um dos mais importantes espões em sua folha de pagamento era um burguês chamado Charles Shulmeister. Shulmeister convenceu Napoleão acerca de sua utilidade como espião em Viena, sob disfarce de nobre húngaro, recebendo uma fortuna tal que lhe permitiu viver uma vida nababesca enquanto espionava (Volkman, 2013, p. 113).

Até aqui podemos identificar um padrão. Antes do estabelecimento das Agências de Inteligência tais quais as concebemos hoje, tínhamos a figura de um rei, nobre, ministro ou comandante, que estabelecia uma rede personalizada de espionagem por meio de fundos financeiros secretos, usados para remunerar estas fontes. Além de Francis Walsingham, dos reis Luís XIV e XV e do Cardeal Richelieu, temos John Thurloe, no cargo de “postmaster” – eufemismo para a liberdade que tinha para violar correspondências na Inglaterra e submetê-las a análise de especialistas em criptografia. Thurloe recebia de Oliver Cromwell a vultuosa quantia de 70.000 libras anuais para remunerar diplomatas e nobres, bem como judeus e protestantes estrangeiros, hostis aos reinos católicos da Europa. Frederico, o Grande, que modernizou o exército da Prússia criando unidades especializadas em reconhecimento, gerenciava pessoalmente uma rede de “espões relutantes”, formada por pessoas em posições estratégicas que eram subornadas para fornecer informações. Por sua vez, John Bancroft, oficial da Marinha Britânica, que contratava estivadores e portuários a fim de obter informações acerca dos navios franceses, identificou os marinheiros pagos por Napoleão para despachar suas ordens secretas, pagando-os mais ainda para atrasar tais entregas a tempo de seus agentes copiarem as mensagens (Volkman, 2013, p. 92-97; 114-115). E, no processo de Independência dos Estados Unidos, George Washington também pagava por informantes mesmo que contasse, como veremos, com numerosos voluntários a favor da causa, e aprendendo que “espões pagos frequentemente bordavam fatos insignificantes para ganhar seu salário” (Rose, 2006, p.63).

Esta forma personalista e “artesanal” de estabelecer redes de espionagem permaneceu no decorrer do século XIX. Napoleão estabeleceu Joseph Fouché como chefe de sua Polícia Secreta, dispondo de grande efetivo de investigadores e espiões. Como Fouché, Wilhelm Stieber servia a Otto von Bismarck como chefe de uma polícia política prussiana, estabelecendo uma rede de segurança interna e empreendendo espionagem para este fim. Exércitos estabeleceram oficiais incumbidos pela atividade, como Lafayette C. Baker, que serviu o exército da União durante a Guerra Civil americana, e até mesmo contrataram detetives para a missão, como o lendário detetive Pinkerton, que trabalhou para o general George MacChellan (Volkman, 2013, p.108, 109, 153, 155, Navarro, 2009 p.47, 48). Neste sentido, a figura de um “*spymaster*” gerenciador de redes de espiões por ele recrutados e pagos foi inserida e regulada nas estruturas institucionais das seções ou órgãos de Inteligência conforme elas foram se estruturando a partir do fim do século XIX. Esta relação ainda se mantém, na forma de um oficial de Inteligência cooptando espiões oferecendo-lhes dinheiro, como expressou Henry Crumpton (2013, p.53-56) em suas experiências trabalhando para a CIA no decorrer do século XX.

Esta forma de recrutamento por dinheiro também se verifica em biografias conhecidas. Antony Standen, famoso espião que forneceu a Walsingham dados cruciais acerca da Armada Espanhola, no que foi uma das batalhas marítimas mais decisivas da história, recebeu, como recompensa, uma pensão de £100 pelos serviços prestados (Cooper, 2013, p.250-251). Sidney Reilly, lendário espião que foi uma das matérias primas para James Bond, era um ladino envolvido em vários negócios, que trabalhou para os Serviços de Inteligência da Inglaterra e do Japão em troca de “dinheiro e dos prazeres que podia proporcionar” (Cook, 2004, p.32-40). Mata Hari, espiã amplamente explorada pela mídia devido à beleza e desinibição enquanto dançarina, era uma mulher abandonada pelo marido que vivia em sério aperto financeiro quando foi cooptada por franceses e alemães (White, 2007, p.36). Menos famosa, Louise de Bettignie começou a atuar como correspondente durante a I Guerra Mundial, levando cartas com mensagens escondidas para

os familiares que viviam fora da zona ocupada. Sua desenvoltura na ocultação daquelas mensagens chamou a atenção da Inteligência tanto britânica quanto francesa, e ela optou pelos britânicos justamente porque eles pagariam adiantado. A família dela penava na pobreza, a despeito da ascendência nobre (ATWOOD, 2014, p.72). Mais tarde, durante a Guerra Fria, a descoberta de que Aldrich Ames, oficial da CIA, ganhou milhões de dólares vazando informações para a KGB foi classificada como uma “calamidade” pelo Comitê de Inteligência do Senado (Lerner e Lerner, 2004, p.32, 33).

O mesmo sistema de recrutamento por dinheiro, explorando ganância ou vulnerabilidades financeiras, se verifica em fontes históricas de instituições de segurança brasileiras. Em dezembro de 1943 – plena Ditadura do Estado Novo – foi realizada a Conferência Nacional de Polícia Política. No evento, o delegado Especial, Major Amaro da Silveira, abordou assuntos da espionagem, contraespionagem, métodos de reconhecimento de agentes inimigos e técnicas de investigações e interrogatórios. Atenção especial foi dada aos procedimentos de recrutamento e treinamento de espões a serem usados no serviço secreto, e um destes procedimentos era o pagamento em dinheiro. As recompensas deveriam ser concedidas com a qualidade e veracidade das informações coletadas. “A recompensa deve ser liberal e conforme os perigos e a qualidade ou importância da informação conseguida.”, ensinou o major Amaro da Silveira.²

E tal procedimento não foi exclusivo dos militares e policiais do Estado Novo. Durante a Ditadura Militar, o Serviço Nacional de Informações também encontrava – e remunerava – quem se prestasse à espionagem em troca de dinheiro. José Luiz Coelho Netto, subcomandante do Centro de Informações do Exército (CIE) durante o governo Médici, serviu na Agência Central do SNI no governo Geisel. Netto chegou a comparar os “preços” de se comprar um agente no Brasil com os valores mais elevados exterior, ao responder acerca da monitoração de pessoas que iam para a URSS e a Iugoslávia:

² Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. **Conferência Nacional de Polícia Política**. Fundo DESPS, Notação 921, p.74.

(...) Não se paga a um agente no exterior o mesmo precinho que se paga a um agente no Brasil. E se paga em dólar. Então esse acompanhamento ficava muito restrito, porque era um trabalho que custava caro. Além dos nossos agentes no exterior, também fazíamos ligações com a CIA, que dispunha de uma rede muito extensa no mundo (D'araujo, Soares, Castro, 1994, p.231, 232).

Ideology

Se espões cooptados por dinheiro se mostram de forma muito clara nos relatos acerca da prática, a identificação biográfica destas figuras parece mais difícil. Felizmente, o mesmo não se dá com homens e mulheres que serviram na espionagem por razões ideológicas: nestes casos, dispomos de biografias mais claras. O que não deve ser surpresa, já que as motivações ideológicas são mais honrosas e heroicas, portanto, dignas de registro, tanto por parte dos recrutadores quanto dos próprios espões, quando se permitem ser biografados.

Contudo, sendo Ideologia um conceito complexo, é necessário primeiro verificar o que Charles e Irvin querem dizer com "espionagem por ideologia":

An ideology is simply a shared set of beliefs about how the world is or ought to be. Psychiatrist and author Steven Pinker writes, "An ideology cannot be identified with a part of the brain or even with a whole brain, because it is distributed across the brains of many people." Since it represents a shared belief system, an ideology is adopted by an individual to the degree that it reflects the individual's ego. In that sense, an ideology is like another motivation - money - in that it serves as a vehicle for the individual to express a personal value or belief; an ideology is chosen in order to confirm conscious or unconscious beliefs the individual has already internalized (2014).

Neste sentido, as fontes datadas da Antiguidade são igualmente nebulosas como no caso do dinheiro. Mais até que o pagamento em dinheiro, já que um "um conjunto compartilhado de crenças sobre como o mundo é ou deveria ser" seria algo anacrônico naqueles contextos. Contudo, se entendermos

“ideologia” como um conjunto compartilhado de crenças ou de uma visão de mundo por um determinado grupo ou classe social, a possibilidade se amplia historicamente (Burke, 2002, p.133).

Seria o caso, por exemplo, dos espias enviados por Moisés à Canaã, motivados, segundo à narrativa, pela ordem de Deus em busca da Terra Prometida (Nm. 13:1-3). Ali consta a lista de todos os espões, incluindo Josué que, mais tarde nas Escrituras, se tornaria, ele mesmo, uma espécie de *spymaster* na campanha pela tomada de Jericó (Js. 2). Como já colocado, todo discurso é dotado de alta carga ideológica, especificamente de cunho religioso, menos por sua historicidade – questionada no atual estado da arte dos estudos bíblicos - do que pelo fato de que foi produzido por escribas e sacerdotes de Jerusalém no processo de retorno do Exílio Babilônico (RÖMER, 2008), e não por generais ou soldados do campo de batalha. Ou seja, não se trata da ideologia dos espões ou de Moisés nem da percepção de comandantes, mas dos sacerdotes que produziram a narrativa. Por isso pouco nos tem a dizer sobre os espias hebreus do período pré-monárquico.

Por outro lado, quase 3000 anos depois da época em que Moisés e Josué supostamente teriam vivido, e também apelando ao sentimento religioso que incluía a posse de uma terra, Saladino se valeu das populações residentes na Palestina quando da invasão dos cruzados, a fim de obter vantagens no campo da Inteligência. Os cristãos se moviam pela fé de que Deus guiava seus passos, porém, o faziam em terras desconhecidas e desprovidos de informantes locais ou espões dentre as fileiras inimigas. Saladino, por sua vez, recebia informes constantes de camponeses, beduínos e comerciantes, que não apenas compartilhavam da mesma fé em Alah, mas também se sentiam ameaçados por infiéis invasores europeus, cavalgando pelos seus campos e cidades, desejosos de tomar uma cidade que consideravam sagrada (Volkman, 2013, p.49-52).

De qualquer forma, como no caso do dinheiro – o M do acrônimo – relatos mais claros de espões servindo por devoção a um sistema de crenças surgem a partir da Modernidade. E, mais uma vez, a religião se faz presente. As guerras de Religião na Europa, a partir da Reforma Protestante e da Contra-Reforma

Católica, produziram não apenas conflitos, mas fervorosos devotos prontos a delatar, informar e espionar em prol de sua visão de cristianismo verdadeiro, e pelo ódio a quem consideravam hereges.

Foi assim que o reino da Espanha, fervorosamente católico, procurava recrutar católicos ingleses que estavam exilados, com o fim de infiltrá-los na Inglaterra, rompida com Roma. Os Jesuítas estariam envolvidos neste procedimento, inclusive treinando aqueles espões no uso de tintas invisíveis e amparando-os com falsificadores de documentos e carpinteiros capazes de construir abrigos secretos em casas inglesas, a fim de ocultá-los – os chamados “buracos de padre”. O resultado foi uma rede de espões particularmente leais ou mesmo fanáticos pela causa, que envolvia nada menos do que aquilo que julgavam ser a Vontade de Deus, e que pretendiam preparar uma revolta armada católica patrocinada secretamente pela Espanha. Embora o sofisticado sistema espanhol tenha ruído diante da Contra-Inteligência de Walshingham, alguns daqueles jesuítas, além de agentes como Edmund Campion e Henry Walpole, resistiam aos extremos suplícios dos torturadores ingleses, os quais buscavam extrair deles informações ou confissões (Volkman, 2013, p.68-73).

O temido cardeal Richelieu também se valia do fervor religioso para recrutar espões. Um deles era Joseph Tremblay, monge Capuchino que ansiava pela aniquilação dos protestantes. O próprio Tremblay contava com contatos entre os demais monges Capuchinos, espalhados em toda a Europa. Na Inglaterra, o “*postmaster*” John Thurloe igualmente se valeu das convicções religiosas ao recrutar espões protestantes suíços e holandeses (Volkman, 2013, p.90, 93).

Mais tarde, o sentimento de pertença, de se doar por uma causa, deu a George Washington uma série de colaboradores que prontos estavam para fornecer informações ao Exército Continental, a despeito dos graves riscos envolvidos. Chamados de patriotas, estão enfileirados sob o típico ufanismo estadunidense na galeria de heróis daquele país. Como exemplos, citamos Lidia Darrah, uma viúva cuja casa foi ocupada por oficiais ingleses. Mulher Quaker, excluída de sua denominação

religiosa justamente por seu apoio à causa patriota, e ouvia secretamente as conversas dos comandantes ingleses em sua casa, enviando secretamente os dados em bilhetes escondidos em sacos de farinha. John Honeyman, agricultor de Nova Jersey, fingindo-se fervoroso defensor do domínio inglês, monitorava o movimento, tamanho, moral e condições de tropas inimigas circulando pelo território continental. Nathan Hale, militar de 20 anos de idade, atuou disfarçado como um espião holandês em Nova Iorque, coletando dados sobre as tropas inglesas em Long Island. Capturado, Hale teria exclamado seu lamento ao dizer ter “apenas uma vida para dar ao meu país” quando foi executado (Volkman, 2013, p. 135-137).

Da mesma forma, a adesão aos pontos de vista ideológicos e políticos que se chocaram na Guerra de Secessão motivaram espiões de ambos os lados. Pelos Confederados, Rose O’Neil Greenhow liderou uma rede de informantes com acesso à elite política e militar de Washington DC, que inclusive, frequentava sua própria casa. Carismática, sedutora e com amplo domínio do trato social, Greenhow era abertamente defensora da secessão e da escravidão, se tornando uma espiã voluntária dos confederados até sua morte (Volkman, 2013, p.150-152). Pelo lado da União, não faltavam negros que concordavam em permanecer em cativeiro a fim de espionar as fazendas confederadas. O exemplo mais conhecido está na surpreendente biografia de Harriet Tubman. Após fugir de uma plantação em Maryland, onde nasceu, cresceu escravizada e inclusive foi ferida com sequelas na cabeça, Harriet conduzia outros escravizados que vinham fugidos de caçadores com cães farejadores, levando-os à liberdade. A experiência foi valiosa para ela, quando se voluntariou como espiã justamente em Maryland, investigando os simpatizantes sulistas que a Inteligência Confederada buscava recrutar. Depois, trabalhou na Carolina do Norte, entrevistando os negros que fugiam a fim de coletar dados, inclusive estabelecendo redes de contato entre escravizados na Carolina do Sul. Em sua primeira fuga, Tubman poderia ter se estabelecido no Norte e vivido como uma mulher livre, mas, ao invés disso, trabalhou o resto da vida como espiã na luta contra o abominável ato que é a escravidão (Volkman, 2013, p.160-162).

Até aqui, verificamos como convicções religiosas, políticas e sociais foram elementos centrais para que mulheres e homens se arriscarem como espiões. Sendo assim, não é de surpreender que o tempo chamado por Hobsbawn (1995) de Era dos Extremos também enfileire uma galeria de espiões que aceitaram o recrutamento movidos por suas crenças, fosse o comunismo, o fascismo ou o antifascismo. Os próprios Charley e Irvin fazem menção a adesão ao comunismo como fator que levou pessoas em posição chave a trair seus governos e espionar para a URSS. Um exemplo encontramos no Cambridge Five, um grupo de cinco espiões ingleses que, crentes de que o comunismo era a única forma de vencer o nazismo, passaram a trabalhar para os soviéticos a partir de 1930:

In the case of espionage, a particular ideology may serve as either the actual motivation for a spy to breach the trust placed in them or simply as a means of rationalizing that behavior. The so-called Cambridge Five were likely “true believers” whose motivation for working with the Soviets against their native United Kingdom was based largely (but not exclusively) in a utopian belief in Communist ideology. Before the Cold War ended, however, ideology appeared to play a decreasing role in Soviet recruitment, forcing the KGB to seek other motives. Nevertheless, Cold War-era political beliefs were only one form of ideology, and its demise certainly does not rule out the use of ideology as motivation in the present or future.

Nos contextos imediatamente anteriores, da I e II Guerra Mundial, vemos outras biografias cujo fator ideológico ocupava papel central. Edith Cavell, enfermeira inglesa lotada na Bélgica que atuou como espiã e auxiliou a fuga de soldados feridos durante a Primeira Grande Guerra, arriscou a vida movida por suas convicções, expressas com orgulho mesmo depois de capturada. Marthe Cnockaert também era enfermeira de guerra. Foi abordada para o trabalho de espionagem por uma amiga, quando cruzou a fronteira da Holanda junto de sua mãe, após a ocupação da Bélgica. Relutou devido à reputação da espionagem

como um trabalho dissimulado e sorrateiro, mas sua mãe a fez mudar de ideia dizendo: “Se minha filha deseja servir eu dou ela de boa vontade e com orgulho, assim como eu dei meus filhos”. E, assim como Caveel, Marthe Cnockaert era uma patriota convicta, declarando-se publicamente assim no tribunal inimigo que a sentenciou a morte. (Atwood, 2014).

Já durante a II Guerra Mundial, Joan Pujol García foi um agente duplo que trabalhava tanto para ingleses quanto alemães. Movido por profunda aversão ao fascismo, era um homem de cidadania espanhola, de codinome Garbo, que encabeçava um anel de 27 informantes. Entre os alemães, a *Bona Fide* de Garbo era tão grande que ele chegou a receber a Cruz de Ferro pelos seus esforços de espionagem, sendo fundamental na Operação Fortitude (Handel, 2004, p.331; Holt, 2007, p. 568-597). Josephine Baker, por sua vez, era uma dançarina norte-americana cuja carreira foi traçada na França. Uma beldade de pele negra, era admirada até mesmo pelos alemães devido ao carisma, talento e beleza, tendo acesso às relevantes figuras políticas e militares. Josephine era apaixonada pela França e ferrenha defensora dos direitos civis, dos quais os nazistas eram algozes, trabalhando ativamente como espiã para o *Deuxième Bureau*, e inclusive auxiliando a Resistência Francesa nos preparativos para combates armados (Atwood, 2011). E ninguém menos que o próprio Wilhelm Canaris, chefe da Abwehr – serviço de Inteligência Militar da Alemanha - tinha contatos e relações amistosas com a Inteligência Britânica. Embora tenha inicialmente se encantado com o nazismo, Canaris passou a conspirar sutilmente contra o *Führer* ao ficar chocado com seus excessos, e prever um desenlace desastroso da guerra para a Alemanha (West, 2009, p.55).

Entre os soviéticos, havia Orquestra Vermelha operava na Bélgica, França e Holanda. O grupo recebeu este nome por parte da Abwer - inteligência militar alemã -, sendo encabeçada por Leopold Trepper - militante comunista e professor de História - e Richard Sorge – jornalista e militar alemão. Ambos trabalhavam para a inteligência soviética, constituindo redes de espionagem conectadas por intensas e numerosas transmissões de rádio (West, 2006, p.315, 317).

Fontes relacionadas à história do Brasil também permitem identificar figuras que espionagem por ideologia. Na Conferência de Polícia Política de 1943, Amaro da Silveira orientava acerca da importância da espionagem motivada pela adesão patriótica – no caso, ao projeto de nação do Estado Novo de Vargas. “Para um agente patriótico uma palavra de encômio vale mais que dinheiro”, dizia o Delegado Especial.³

Assim, se a ganância, as dívidas ou as vulnerabilidades financeiras – empregos mal remunerados, pobreza, etc – historicamente tem sido utilizada por recrutadores a fim de cooptar informantes, o mesmo se dá com as convicções, crenças, aversões e posicionamentos das pessoas, seja seu uso retórico, seja a coadunação de objetivos do recrutador, do espião em potencial e do grupo político, social e religioso do qual ele faz parte.

É importante notar, também, que os fatores ideológicos podem ser fomentados ou mesmo criados pela atividade de Inteligência, no que chamamos de Propaganda e Black Propaganda (CEPIK, 2003, p.61-6; RADSAN, 2009, WIAANT, 2012). Neste sentido, a mesma influência política imposta pela agenda da Inteligência num determinado contexto pode produzir, ela própria, colaboradores na forma de informantes. A guisa de exemplo, o anticomunismo patrocinado no Brasil pelo governo dos EUA, além da influência política daquele país, também gerava colaboradores para os órgãos de repressão do Brasil (ARAUJO e DUARTE, 2000).

Compromisse/coercion

Em síntese, o homem ou a mulher que trabalha por compromisso - *compromise* - e *coercion* – coerção – o faz contra a sua vontade. Ele ou ela não planejava espionar – ou, se já espionava, não planejava fazê-lo para o recrutador que o coagiu. Na definição de Charney e Irvin:

³ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Conferência Nacional de Polícia Política. Fundo DESPS, Notação 921, p.75.

This is a negative rather than positive form of motivation and can be equated with what one might think of as “blackmail” or perhaps even torture. Unlike the other general forms of motivation offered in MICE, in this case the spy does not act of his or her own free will but, rather, is effectively forced to commit espionage through fear of punishment, exposure of wrongdoing, or some other undesirable outcome.

Foi o caso de Gilbert Gifford, um exilado católico que havia sido recrutado pelos franceses para atuar como mensageiro para Maria, rainha da Escócia, que conspirava junto à França contra a rainha da Inglaterra. Capturado em 1585 pelos homens de Francis Walsingham, foi submetido a uma calculada tortura psicológica, ouvindo gritos de agonia de outros prisioneiros no calabouço onde estava. Sob a promessa de que obteria o perdão pela traição, Gifford aceitou trabalhar para Walsingham, deixando-o ver todas as mensagens que Maria lhe confiava (Volkman, 2013, 73, 74).

Outro caso desta natureza foi o de Alfred Redl. Coronel do exército e chefe da Inteligência do Império Austro-Hungaro em 1913, Redl era homossexual e, ao descobrirem tal dado, os russos intermediaram uma relação amorosa com um rapaz e a fotografaram. Como resultado, Redl passou a trabalhar para os russos, sob a chantagem de ter suas preferências sexuais expostas publicamente (Volkman, 2013, 180)

Para Charney e Irvin, este seria o método menos confiável de recrutamento, já que, posto sob obrigação e constrangimento, o espião abandonaria sua condição na primeira oportunidade:

From a psychological perspective, it is the least reliable method of recruitment since the spy’s primary motivation is to escape punishment rather than to please his or her handler. The spy is likely to cooperate only to the extent necessary and may attempt to break free of control as soon as practicable (2014).

Um exemplo deste tipo de situação foi William Sebold. Sebold, que na verdade se chamava Dembowski, tinha sido um criminoso comum na Alemanha dos anos 1930. Fugindo para os EUA com documentos falsos, acabou se naturalizando estadunidense e encontrando emprego como mecânico de

aeronaves. Por isso, em 1939, a Gestapo chantageou Sebold para que se trabalhasse com espião, prestando informações acerca da indústria aeronáutica dos EUA. Caso se recusasse, a Gestapo denunciaria às autoridades norte-americanas acerca dos antecedentes e documentos falsos de Sebold. A coerção levou aquele homem a obter treinamento e prestar informações para a Inteligência alemã, mas também o levou a procurar o FBI e contar sua situação, tornando-se, assim, um agente duplo (Volkman, 2013, 261, 262; West, 2006, p.305).

Embora não tenham sido abordadas por Charney e Irvin, podemos também identificar casos nos quais o comprometimento do recrutado para com o recrutador não se estabelece em chantagens ou coerções, mas sim em prestação de favores dos quais o recrutado pode usufruir ou depender. Henry Crumpton, ex-oficial da CIA, faz menção a um de seus recrutamentos, no qual providenciou fuga, refúgio e asilo para o funcionário de uma embaixada estrangeira, desgostoso com os rumos políticos de seu país de origem. A oferta teria, inclusive, se estendido à família daquele homem (Crumpton, 2013, p.49-76). Aqui no Brasil, durante a década de 1930, Seraphim Braga – chefe da Secção Social da Polícia Política - descreveu a lista de favores dos quais se valia para recrutar espiões nos sindicatos, dentre os quais estavam o fornecimento de passagens marítimas e terrestres, portes de arma, matrículas gratuitas em Internatos e Estabelecimentos de Ensino e cartas de representação.⁴

Um tipo específico de coerção destacado por Charney e Irvin é o “Honey Trap”. Classificado como “infame” pelos autores, consiste no uso da sedução de um alvo com o fim de “obter a sua cooperação através de ameaças e denúncias”. Foi o caso de Enero, codinome para um Diplomata italiano na embaixada em Moscou, que mantinha um caso com uma secretária da embaixada francesa. Sabendo disto, a KGB utilizou suas *swallows* – agentes treinadas em *sexpionage* - para coagi-lo como seu informante. Caso semelhante se deu com Ikar, codinome para outro italiano, que era adido da embaixada em Moscou. A mulher com a qual ele se envolvia teria sofrido um

⁴ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Fundo Polícias Políticas. Setor Administração. Pasta 1-H.

aborto, e um agente da KGB, se fazendo passar pelo enfurecido marido da mulher, o chantageou em troca de informações sob pena de exposição pública do caso (West, 2009, p.76, 133, 331).

Dentre situações que envolvem sedução e chantagem, é importante distinguir aquelas que envolveram a homossexualidade. Por exemplo, John Vassall, de família religiosa, que serviu na Royal Air Force ao fim da II Guerra Mundial e se tornou adido na embaixada britânica em Moscou. Vassall era homossexual e, após um jantar no qual teria bebido muito, terminou a noite na cama com um rapaz que conhecera. Acontece que o jantar, como a bebedeira e a relação amorosa que se seguiram, foi planejado pela KGB, que fotografou tudo para chantagear Vassall. Como o coronel Alfred Redl, citado anteriormente, John Vassall se tornou espião por medo de sua intimidade sexual ser exposta (West, 2009, p.300, 301).

Este temor de uma infiltração, por meio da coerção que se utilizava da condição homossexual de determinadas pessoas, levou várias agências de Inteligência, em especial norte-americanas e inglesas, a considerar que a homossexualidade seria um risco à segurança nacional, situação que foi revista apenas no final do século XX (West, 2009, p.121). Temia-se o escândalo derivado do preconceito e a exploração deste mesmo preconceito, em forma de chantagem, por agências rivais. Assim, historiadoras e historiadores de Gênero, ou que trabalhem com a *tertia* Queer, tem um campo profícuo diante deste aspecto do *coercion*. Note que, nestes casos, os recrutadores não estabeleceram os estigmas e preconceitos em torno dos espiões recrutados por coerção - o que não significa que atitudes homofóbicas não possam ser identificadas em casos biográficos específicos de algum recrutador. Mas, de forma amoral e pragmática, aproveitaram e fomentaram tais estigmas para obter uma vantagem dentro do jogo secreto. Pessoas cuja sexualidade não se encaixava nos padrões estabelecidos sofriam duplamente, com a desconfiança de seu próprio país e com a vulnerabilidade de ter sua vida íntima explorada por agentes estrangeiros.

Em casos como estes, nem mesmo heróis de guerra estavam a salvo. Alan Turing, exímio decodificador que foi fundamental para a Inglaterra na II Guerra Mundial, teve sua

homossexualidade exposta no início da década de 1950. Acusado de “indecência grosseira”, chegou a ser castrado quimicamente e, não suportando sua situação, suicidou-se (West, 2009, p. 297).

Ego

O Ego abarca os casos nos quais uma pessoa se torna espia devido ao desejo de desafio ou aventura, ou por traços de personalidade narcisista. A definição original, proposta por Levchenko, é vaga pela perspectiva da Psicologia enquanto campo, até porque, a ideologia e a busca por dinheiro também incluem fatores egóicos, segundo Charney e Irvin.

Neste sentido, o Ego seria melhor delimitado por outra definição, que Charney e Irvin chamam de Emoções/Auto Importância:

The spy chooses espionage because of the feeling of excitement it brings, as well as the sense of superiority the spy derives from “putting one over” on their colleagues or their organization. Rather than a manifestation of high self-esteem, it may be the result of the low self-esteem experienced by the would-be-spy suffering some personal or professional setback. Ironically, the very desire for thrills that attracts some IC employees to the profession may also make them particularly susceptible to the thrill of espionage. Likewise, the power and egoenhancement that comes with keeping secrets from others may add to the feeling of superiority the spy obtains by keeping his or her espionage a secret from their co-workers and organization (2014).

Nestes casos, o anseio por aventura, o sentimento de superioridade ao lidar com o segredo e a vaidade em empreender uma missão secreta sobressaíam aos corações de homens e mulheres em contextos de disputas internacionais, guerra ou repressão, tornando-os voluntariosos a trabalhar como espões.

Parece ter sido o caso de Charles de Beaumont, uma das figuras mais interessantes da História da Espionagem e, também, para os estudos de gênero. Conhecido(a) como Chevalier d’Eon, foi uma espiã nascida numa família empobrecida da baixa aristocracia francesa. A ambiguidade em relação à concordância

gramatical que o leitor observa neste parágrafo se dá pelo fato de que Charles de Beaumont transitava desinibida e prazerosamente entre os papéis atribuídos a homens e mulheres em sua época. Exímio espadachim e militar formidável, serviu com distinção na cavalaria, ou seja, uma trajetória com elementos culturalmente atribuídos ao gênero masculino. Contudo, nos bailes e festas de Paris, apreciava se vestir como mulher, se valendo de sua aparência andrógena e voz de falsete para chamar a atenção para si como uma bela donzela. O próprio rei Luis XV, fascinado por aquela figura, a recrutou para o “Segredo do Rei”, seu grupo seletivo de espões, enviando-o à Rússia. Nesta missão, Chevalier d’Eon jogou seu “jogo de gêneros”, ora como um ocioso nobre francês buscando negócios na Rússia, ora como confidente de ninguém menos que rainha Elizabeth, se fazendo passar por uma dama de companhia chamada Genevieve (Volkman, 2013, p. 98-111).

Outro exemplo foi o já mencionado Nathan Hale, o militar de 20 anos que atuou disfarçado como um espião holandês em Nova Iorque. Hale estava insatisfeito ao servir como oficial auxiliar durante a guerra de Independência dos EUA, ansiando por fazer mais na luta contra os ingleses (ROSE, 2006). Isso não remete apenas à questão do patriotismo enquanto ideologia, mencionados em tópico anterior: ser um oficial auxiliar também é uma função patriótica e parte do esforço de guerra. A questão é que Hale desejava um trabalho que julgasse maior do que aquele que fazia. Ou seja, uma questão egóica, um desejo de auto importância, somado à sua ideologia.

No contexto da I Guerra Mundial temos mais alguns exemplos de como o Ego e o desejo de auto importância são motivadores pessoais intensos para a espionagem. Devemos aqui aprofundar um pouco mais a biografia de Mata Hari. Depois do conturbado casamento com um oficial alcoólatra da marinha escocesa, Margareta Zelle foi abandonada e enveredou-se pela boemia. Apresentando-se como uma princesa iniciada num templo japonês, fazia shows em Amsterdã que envolviam danças eróticas. Assim surgia a personagem Mata Hari (“olhar do dia” ou “olhar da aurora”), criação de Margareta, já que nada daquilo era verdade. A personagem fez enorme sucesso em várias capitais

da Europa, dando a ela acesso às mesas de generais, burgueses, políticos e chefes de polícia do Velho Mundo. Com isto, os alemães recrutaram Mata Hari por volta de 1914, para que atuasse na França. Vaidosa, espirituosa, com o passado de desprezo pelo marido numa vida cotidiana de classe média, e tendo se tornado centro de atenções com sua sensualidade, Mata Hari tinha gosto pela aventura, pelo exótico e pelos jogos de sedução (White, 2007).

Já Gabrielle Petit foi órfã de mãe aos 9 anos, tendo dificuldade para se enquadrar no internato dirigido por freiras. Sua personalidade era indomável, e não também não se adaptou à casa de seu pai, casado com uma jovem moça. Mais tarde, trabalhando como garçonne, conheceu numa taverna um jovem sargento de quem se tornou noiva, e que acabou sendo enviado para a I Guerra Mundial. Seguindo seu amado, se alistou como enfermeira, sendo sua ousadia e obstinação os fatores que levaram um oficial inglês a recrutá-la como enfermeira. Treinada na Inglaterra, seu codinome era “Srta. Legrand”, atuando na Bélgica usando disfarces variados, como vendedora ambulante de chapéus, entregadora de jornais, mendiga, babá, garçonne e padeira. Embora fosse muito competente tanto nos disfarces quanto na coleta de dados, era também imprudente, ridicularizando abertamente aos alemães. Na verdade, ela atuava na guerra pelo amor do noivo perdido, mas também pelo temperamento audaz e indolente que apresenta desde a infância, sendo o trabalho de espionagem algo excitante para ela: “Em nenhum momento fui mais feliz” teria confessado a moça, aceca de seus dias como espiã (Atwood, 2014, p. 61).

Situações semelhantes foram encontradas no Brasil, durante Segunda Guerra Mundial. Em 1942, um ex-militar português escreveu a Getúlio Vargas, voluntariando-se como espião, alegando ser atirador de elite e jurando amar ao Brasil por aqui viver, ser casado com uma brasileira e ter filhos brasileiros. Não foi caso isolado, pois, além deste lusitano, outros homens e mulheres também escreveram cartas ao presidente com o mesmo propósito⁵. Este voluntarismo egóico foi um comportamento tão

⁵ Arquivo Nacional. Fundo Gabinete do Ministro. Notação IJ 1374.

recorrente que afetou também aos investigadores ligados ao Serviço Secreto, levando o Delegado Especial a fazer a seguinte exortação:

[...] todo membro do serviço secreto deve praticar a abnegação e auto domínio, renunciando aos aplausos. O agente deve fazer uma apreciação da situação e perguntar-se: “O que é de maior importância, o êxito do serviço, ou que seus amigos saibam que sou membro do serviço secreto? Que tem mais importância, meu amor próprio ou a proteção da minha pátria? Os aplausos dos nossos amigos são doces e agradáveis, porém o preço é exorbitante. O serviço secreto não é dirigido com bandeiras e bandas de música. Os seus membros devem prescindir de todo desejo de fazer-se importante.”⁶

Disgruntlement/revenge

Os sentimentos de descontentamento e de vingança também são elementos que levam uma determinada pessoa a aceitar ou se voluntariar como espiã. Assim definem Charney e Irvin:

The spy is motivated by a non-ideological resentment or anger directed toward their country or their employer for some perceived injustice, such as a lack of recognition or inadequate appreciation, failure to achieve promotion, inadequate pay or other compensation, or any number of other perceived personal slights. As a result, the spy seeks revenge by engaging in espionage. A key point is that the injustice may or may not be real, but it is perceived by the spy as both real and personal (2014).

Neste sentido, podemos identificar o ressentimento de forma enraizada em determinado grupo social, remontando a passados longínquos por décadas ou mesmo séculos, como identificou Marc Ferro (2009). Não que determinado segmento social se prestaria como um todo à espionagem, mas que, pelo ressentimento ali nutrido, espiões poderiam ser recrutados dentre aquelas fileiras, isso quando eles mesmo não se voluntariavam.

⁶ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Fundo DESPS, notação 921.

Este foi o caso de vários judeus em relação a Espanha Católica do século XV, por terem sido expulsos de terras ibéricas, ressentimento estendido a outras nações europeias que retirou deles vários direitos civis. Como a Inglaterra recebia imigrantes judeus, boa parte deles mercadores com contatos em todo o continente, John Thurloe os recrutou como informantes, aproveitando-se da justificada mágoa pelo antissemitismo que sofriam (Volkman, 2013, p.93).

Lamentavelmente, mesmo depois de cinco séculos, o antissemitismo ainda vigorava, levando-nos a um exemplo individual de voluntarismo para a espionagem. Viktor Grayevisky era um importante jornalista com ligações profundas dentro do Partido Comunista Polonês, razão pela qual a KGB o teria recrutado em 1955. Grayevisky na verdade se chamava Spielman, e era um judeu ressentido pelo antissemitismo na União Soviética de então. Em 1956, ele obteve de uma de suas fontes uma cópia do discurso secreto de Nikita Khrushchev, denunciando os crimes cometidos por Stalin, não hesitando em entregar tal documento a seus contatos no Mossad que, por sua vez, cedeu o material à CIA (Volkman, 2013, 276).

E há os casos nos quais o ressentimento que move o espião é de foro menos coletivo e mais íntimo. Elizabeth Bentley era uma mulher norte-americana que trabalhava também para a KGB, agência acerca da qual nutria enorme descontentamento, que aparentemente envolvia questões relacionadas a seu falecido amante - também agente da KGB. Por iniciativa própria, Bentley foi até um escritório do FBI em Nova Iorque e denunciou a rede de espões da qual fazia parte (Volkman, 2013, p. 281, West, 2006, p.31).

De certa forma, o caso de Bentley nos remete a situações que se deram no Brasil, quando algumas mulheres ficavam ressentidas pelos namorados e maridos dedicarem mais tempo à militância do Partido Comunista do que a elas. Eram os anos 1950 e 1960, e, com o Partido Comunista na ilegalidade - situação jurídica estabelecida em 1947 - o ressentimento por terem sido “trocadas” pelo ativismo comunista levava aquelas mulheres a informar à Polícia Política acerca de seus cônjuges (Araujo e Duarte, 2000, p. 71).

Aliás, a questão da colaboração ativa de cidadãos para com Polícias Secretas, enquanto informantes e delatores, é um campo a se considerar quando falamos de atividades de Inteligência relacionadas à Segurança Interna de um Estado, cujo objetivo é identificar supostas ameaças dentre sua própria população. Nestes casos, falamos de voluntários que colaboram prestando informações e delatando indivíduos como comunistas, hereges, subversivos, ou seja lá como o Crime Político - no sentido empregado por Fragoso (1981) - seja tipificado nestes contextos. Aqui adentramos na perspectiva de “Trabalhar para o Líder” (KERSHAW, 2010), no sentido de ajudar a combater aqueles considerados como “inimigos da nação”, mas que também se constituíam num “outro conveniente” cuja delação podia servir como instrumento de vingança, eliminação de concorrentes ou formas de obter favores (Teixeira da Silva, 2010, 2014).

Ingratiation

Apenas à guisa de menção, o último fator de motivação para a espionagem é o que Charney e Irvin chamam de *Ingratiation*, que seria:

The spy is motivated by a desire to please another person. While it would seem unlikely that an individual would choose to spy simply in order to please another person, ingratiation may be a contributing factor in that decision. For example, if a spy is ideologically motivated, they may work especially hard to please their handler in an effort to demonstrate their commitment to the cause (2014).

Os próprios autores consideram esta uma categoria um tanto rara e nebulosa. Como dependem de uma relação íntima entre o espião e seu recrutador, demandam análises de casos muito específicos em biografias de homens ou mulheres envolvidos com estas atividades. Como exemplos, Charney e Irving citam o caso do marinheiro norte-americano chamado Michael Walker, que teria feito parte da rede de espionagem de seu próprio pai simplesmente para agradá-lo, afora os envolvimento amorosos de certas informantes com os “Romeus” empregados pela Stasi - Polícia Secreta da Alemanha Oriental:

Ingratiation may also have played a role in the so-called “Romeo” operations conducted by the East German Stasi, in which a Stasi agent would establish a romantic relationship with a lonely, female secretary in a target West German organization. Unlike coercive “Honey Traps,” the espionage was often based on genuine bonds of affection between the target and her “Romeo” (2014).

Conclusão

Do que foi exposto neste artigo, podemos identificar que, tal qual propõe o acrônimo MICE, pessoas se tornam espãs em troca de dinheiro, movidas por sentimentos ideológicos, sendo coagidas ou cooptadas, buscando satisfação egóica, por ressentimento e por relações específicas com os recrutadores.

Nos casos verificados, a remuneração como espão convenceu pessoas oriundas de segmentos sociais menos favorecidos – como estivadores de portos ou camareiras – surgia como um socorro financeiro para indivíduos em aperto com dívidas, ou, simplesmente, cooptava gananciosos. O sentimento ideológico, no sentido de um conjunto de crenças e objetivos compartilhados, moveu pessoas no mundo da espionagem numa forma dela lutar pelo modelo religioso ou político no qual elas acreditavam. Outras pessoas foram conduzidas ao jogo da espionagem por meio de coerção, ao terem descobertos seus segredos, intimidades ou desvios. A busca por aventura, excitação, personificação de um papel ou sentimento de auto importância levou homens e mulheres a aceitarem ou mesmo se voluntariar para a prática. E, ressentidos contra indivíduos, grupos ou governos, outras pessoas trabalharam prestando informações e auxílio para aqueles que se opunham a seus alvos de rancor.

Assim construção do MICE, como idealizado pelos órgãos de Inteligência norte-americanos, pode ter sido ineficaz para o que se propunha, ou seja, precaver quanto a possíveis recrutamentos de espões entre as fileiras dos EUA. Contudo, ajustado como um referencial teórico para uma História da

Espionagem, oferece ao historiador uma ótica profícua quanto ao trabalho de homens e mulheres envolvidos nas sombras e penumbras das relações políticas, das guerras e dos contextos de repressão. E, para aqueles especificamente interessados em Inteligência, amplia e aprofunda a compreensão do seu segmento que é talvez o mais complexo e imprevisível, que é a Inteligência Humana (HUMINT), ou seja, dos “impulsos do coração” dos homens e mulheres que, pelas mais diferentes razões, se tornam fontes de Inteligência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAUJO, Paulo Roberto de. Duarte, Leila Menezes de. **Ação e investigação: polícia política e comunismo no Brasil: 1945-1964**. Rio de Janeiro: APERJ, 2000.

Arquivo Nacional. Fundo Gabinete do Ministro da Justiça. Notação IJ 1374.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. **Conferência Nacional de Polícia Política**. Fundo DESPS, Notação 921.

_____. Fundo Polícias Políticas. Setor Administração. Pasta 1-H.

ATWOOD, Kathryn. **Women Heroes of World War I: 16 Remarkables Resisters, Soldiers, Spies and Medics**. Chicago Review Press, 2014.

_____. **Women Heroes of World War II: 26 Stories of Espionage, Sabotage, Resistance and Rescue**. Chicago Review Press, 2011.

BLANCHARD, Jean-Vincent. **Éminence: Cardinal Richelieu and the Rise of France**. Walter e Company: New York, 2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da História e o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: 2002.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

COOPER, John. **The Queen Agent: Sir Francis Walsingham and the Rise of Espionage in Elizabethan England**. London: Pegasus: 2013.

CEPIK, Marco A. C. **Espionagem e democracia**. Rio de Janeiro: FGV. 2003.

COOK, Andrew. **Ace of Spies: The True Story of Sidney Reilly**. UK: Tempus, 2004.

CHARNEY, David L.; irvin, John A. A Guide to the Psychology of Espionage. AFIO's Intelligencer Journal, 2014.

CRUMPTON, Henry A. **A Arte da Inteligência: os bastidores e segredos da CIA e do FBI**. Barueri: Novo Século, 2013.

D'ARAUJO, Maria Celina; Soares, Glaucio Ari Dilson; CASTRO, Celso (org.). **Os anos de Chumbo: a memória militar sobre a repressão**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FERRO, Marc. **O ressentimento na história. Compreender o nosso tempo**. Lisboa: Teorema, 2009.

FRAGOSO, Heleno. **Terrorismo e Criminalidade Política**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1981.

HANDEL, Michael. **Strategic deception in the Second World War**. New York, 2004.

HERMAN, Michael. **Intelligence power in peace and war**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos - o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLT, Thaddeus. **The deceivers : allied military deception in the Second World War**. New York, 2007.

KERSHAW, Ian. **Working Towards the Führer: Reflections on the Nature of the Hitler Dictatorship** pages 231–252. In: **The Third Reich**. Leitz, Christian. London: Blackwell, 1999.

LERNER, K.L, LERNER, B.W. (Ed.) **Encyclopedia of Espionage, Intelligence, and Security**. Thomson Gale; 2004.

NAVARRO, Diego. **Tres mil anos de informacion y secreto**. Plaza y Valdes: Madir, 2009.

RADSAN, A. John. **An Overt Turn on Covert Action**. Saint Louis University Law Journal: 2009, Vol. 53: No. 2.

ROMER, T. **A chamada história deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ROSE, Alexander. **The Story of America's First Spy Ring**. New York City: Bantam Books, 2006.

SHELDON, Rose Mary. **Intelligence Activities in Ancient Rome: trust in gods, but verify**. New York: Frank Cass, 2005.

SHULSKY, Abram. **What is Intelligence? Secrets and competition among states**. In: GODSON, Roy; SCHMITT, G.; May, E. **US Intelligence at the crossroads: agendas for reform**. New York: Brassey's, 1995.

SIMS, Jennifer. **What is Intelligence? Information for decision makers**. In: GODSON, Roy; SCHMITT, G.; MAY, E. **US Intelligence at the crossroads: agendas for reform**. New York: Brassey's, 1995.

Soares, Luis Carlos; Vainfas, Ronaldo. **A Nova História Militar**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SUN TZU. **A arte da guerra**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record 1995.

VOLKMAN, Ernest. **A História da Espionagem**. São Paulo: Escala, 2013.

WEST, Nigel. **Historical Dictionary of United States Intelligence**. The Scarecrow Press, Inc. Lanham, Maryland, Oxford: 2006.

_____. **The A to Z of Sexpionage**. The Scarecrow Press, Inc. Lanham, Toronto, 2009.

WHITE, Rosie. **Violent Femmes: Women as spies in popular culture**. New York: Routledge, 2007

WIANT, Jon A. **A Guide to the Teaching About Covert Action.**
Journal of U.S. Intelligence Studies, 2012, Volume 19, Number
2.

Recebido em: 15/07/2025

Aprovado em: 09/08/2025